

# HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: ESCOLA SÃO JOSÉ E O DESENVOLVIMENTO DE CORBÉLIA\*

*Ana Paula Vitali<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Neste capítulo, pretendemos discutir a relação entre a instituição de ensino, Escola São José e o projeto de sociedade vigente no período de sua constituição (1956-1962), entendendo como se articula a escolarização ao contexto histórico, político e econômico da época e seus reflexos na região e município de Corbélia.

Buscamos examinar os fatores que influenciaram o surgimento da instituição no município no período histórico delimitado, reconstituindo a sua história a partir do contexto da influência da religião nas instituições escolares.

Este texto, tem entre seus propósitos, compreender a importância da escola na constituição e desenvolvimento do município; a importância da escola na história da educação em Corbélia; a história do município e consulta a documentos como: fotos, ata de fundação, primeiros professores, alunos, número de turmas, o ensino ofertado, ou seja, como se desencadeou o movimento e as forças econômicas, sociais e políticas que subsidiaram a sua fundação para que estivesse a serviço da comunidade.

Partimos dos seguintes questionamentos: quais as relações que a escola em questão manteve com as transformações políticas e econômicas em Corbélia? Como se deu neste processo a constituição histórica da Escola São José no município? Buscamos apresentar a problemática a partir de referenciais históricos como: Manuais sobre a história da educação, história do município de Corbélia, Diário das Irmãs Catequistas Franciscanas, consulta ao arquivo da instituição, por meio de: levantamento de documentação, como: ata de fundação, fotografias, relatórios, livros de registro de classe, Projeto Político Pedagógico, biografia do patrono da escola.

Destacamos que a Escola São José, tornou-se necessária diante do volumoso movimento migratório em direção a região Oeste do Paraná e do surgimento de Corbélia, na época distrito administrativo de Cascavel. Onde o senhor Armando Zanato, colonizador com

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-76-5-0-f.114-128

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora nas Redes Municipais de Ensino de Corbélia e Cascavel. E-mail: annavitali@hotmail.com

maior expressividade no município, buscou atender à necessidade das famílias que aqui se instalavam em instruir seus descendentes. Partindo das fontes pesquisadas, caracterizamos a escola fazendo a reconstituição histórica da sua materialidade produzida na sociedade.

## **A PESQUISA SOBRE INSTITUIÇÕES ESCOLARES**

Considerando Marx, as condições sociais, econômicas e políticas têm demasiada influência no processo de construção da história. A educação acompanha este movimento, assim sendo, a educação institucionalizada é resultado desse processo.

Portanto pesquisar de que forma tal processo ocorreu até os dias atuais é muito mais do que apenas levantar dados históricos e estatísticos, não se trata apenas de arrolar datas e fatos, mas sim de analisar a quais interesses sociais tais mudanças atenderam, com quais esferas sociais elas se relacionam e como ocorreu o processo de sua organização através da história.

Conforme Marx:

Somos forçados a começar constatando que o primeiro pressuposto de toda a existência humana, e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. [...] O segundo ponto é que, satisfeita esta primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico. [...] A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que diariamente renovam sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar: é a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família. (MARX, 1993, p. 39-41).

De acordo com o Currículo Básico para a Escola Pública Municipal da região Oeste do Paraná (2007, p. 28), “[...] o ato pedagógico não é neutro: carrega implicações sociais, está marcado pela prática de todos os envolvidos no processo educativo e é mediado por relações sócio históricas.”.

Tendo a história esse papel crucial no desenvolvimento da sociedade, é inegável que ela também atenda aos interesses da classe dominante, levando em consideração que o historiador dá a sua interpretação aos fatos, ainda segundo Hobsbawn (1998), “[...] é preferível a análise humana, pois o ser humano possui em seu íntimo as experiências boas ou más que foram tecendo a sua existência.”.

Para Hobsbawn (1998) todo ser humano tem consciência do passado, sendo este uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições,

valores e outros padrões da sociedade humana. Tendo em vista que a história é construída através do passado, a educação, sendo formal ou informal torna-se imprescindível neste processo. Atualmente a educação formal, na esfera pública tem o papel de proporcionar acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, porém cabe a nós investigar o passado para verificar se o seu objetivo é este ou atende a outros interesses implícitos.

Falar sobre educação e sua história no Brasil constitui-se em um tema complexo, por se tratar de uma concepção ampla em aspectos políticos e pedagógicos. A educação pressupõe a formação do homem e compreende inúmeros processos, dentre esses processos muitos ocorrem dentro da própria escola, em suas diferentes modalidades.

Após muitos estudos Saviani (2008) institui uma nova periodização das ideias pedagógicas no Brasil, da seguinte forma:

1º Período (1549 – 1759): Monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional, subdividido nas seguintes fases: 1 – Uma pedagogia brasílica ou período heroico (1549-1599); 2 – A institucionalização da pedagogia jesuítica ou o Ratio Studiorum (1599-1759). 2º Período (1759 – 1932): Coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional, subdividido nas seguintes fases: 1 – A pedagogia pombalina ou as ideias pedagógicas do despotismo esclarecido (1759-1827); 2 – Desenvolvimento da pedagogia leiga: ecletismo, liberalismo e positivismo (1827-1932). 3º Período (1932 – 1969): Predominância da pedagogia nova, subdividido nas seguintes fases: 1 – Equilíbrio entre a pedagogia tradicional e da pedagogia nova (1932-1947); 2 – Predomínio da influência da pedagogia nova (1947-1961); 3 – Crise da pedagogia nova e articulação da pedagogia tecnicista (1961-1969). 4º Período (1969-2001): Configuração da concepção pedagógica construtivista, subdividido nas seguintes fases: 1 – Predomínio da pedagogia tecnicista, manifestação analítica da filosofia da educação e concomitante desenvolvimento da visão crítico-reprodutivista (1969-1980); 2 – Ensaio contra hegemônicos: pedagogias da “educação popular”, pedagogias da prática, pedagogia crítico-social dos conteúdos e pedagogia histórico crítica (1980-1991); 3 – Neoprodutivismo e suas variantes: neo-escolanovismo, neoconstrutivismo e neotecnicismo (1991-2001). (SAVIANI, 2008, p. 19-20).

Tal periodização (1991-2001) leva em consideração a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da educação) Lei nº 9394/1996 e conseqüentemente o PNE (Plano Nacional de Educação) aprovado através da Lei nº 13005/2014. A História da educação nos municípios brasileiros segue a periodização das ideias pedagógicas acima citadas, pois cada momento histórico traz consigo as características e condições relacionadas à escola.

Sendo assim, a educação apresenta-se como processo, portanto, é histórica. Ao analisar a história das ideias pedagógicas no Brasil, percebe-se que esta foi moldada desde o início para atender aos interesses da classe dominante. Saviani destaca:

O primeiro governador geral do Brasil chegou em 1549 trazendo consigo os primeiros jesuítas, cujo grupo era constituído por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manoel de Nóbrega. Eles vieram com a missão conferida pelo rei de converter os gentios. Para atender a esse mandato os jesuítas criaram escolas e instituíram colégios e seminários que foram espalhando-se pelas diversas regiões do território. Por essa razão considera-se que a história da educação brasileira se inicia em 1549 com a chegada desse primeiro grupo de jesuítas. (SAVIANI, 2008, p. 25-26).

O caráter de aculturação dos povos nativos fica claro ao verificar a intencionalidade presente na criação das primeiras instituições escolares no Brasil ainda no século XVI. E segue a mesma perspectiva ao longo dos tempos, pois é claramente dualista, no que se tange aos conteúdos e conhecimentos repassados aos filhos da classe trabalhadora e aos filhos da classe dominante.

Neste sentido Nagel destaca:

A educação ou a formação do homem, nessa perspectiva, é vista como um complexo e largo processo humano prenhe de possibilidades contraditórias, posto que, pode encaminhar comportamentos e/ou atitudes favoráveis à atualização das formas de trabalho adjetivando esta atualização de progresso, sem levar em consideração que este progresso pode ser o desenvolvimento natural da mesma ordem social. A educação, pois, no interior de sua complexidade, nas mãos dos educadores, tomados de forma genérica, pode concretizar, tanto a possibilidade de alterar essa ordem social pari passu com modificações estruturais no trabalho, como pode objetivar apenas uma prática otimizada da economia, tomada, à moda burguesa, de modo independente das relações sociais. (NAGEL, 2001, p. 100).

Diante disso, a pedagogia histórico-crítica considera a educação como meio de humanização dos indivíduos, devendo configurar ato consciente e intencional de produção e reprodução do conhecimento historicamente acumulado pelos homens, isso é o que diferencia os homens dos animais, pois o homem necessita produzir continuamente sua existência, que só é possível através do trabalho.

Ao citar o trabalho, obviamente não se trata deste apenas como atividade produtora de mercadorias, como é concebido pelo capitalismo, mas como “[...] atividade criativa explicitadora das potencialidades humanas.” (TONET, 2006, p. 02).

A educação tem papel fundamental no rompimento e transformação da realidade, porém, sozinha não tem poder para tal. Todavia, o conhecimento é essencial para conhecer a realidade, condição também para poder transformá-la.

A pesquisa em história da educação regional tem se expandido, o número de temas relacionados a historiografia tem se ampliado consideravelmente desde a década de 90,

principalmente ligada aos programas de pós-graduação. No que tange a importância dos estudos sobre as instituições escolares para a história da educação brasileira, Saviani destaca que: “[...] propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos, mas também necessitamos conhecer.” (SAVIANI, 2013, p. 29).

De acordo com Andrade e Toledo:

A possibilidade de se escrever a história da educação brasileira e regional sob um prisma diferente daquele que dá espaço apenas às narrativas emanadas de documentos oficiais tem sido um importante elemento motivador para as pesquisas sobre instituições escolares. É uma proposta que visa à valorização das peculiaridades regionais, sem desconsiderar as dimensões nacionais. Ao analisar as características de uma determinada instituição, espacial e geograficamente determinada, nasce a possibilidade de conhecer o contexto histórico-político e social que a criou. (ANDRADE; TOLEDO, 2014, p. 180).

Compreender a trajetória histórica da educação no município de Corbélia pressupõe analisar o contexto das esferas nacionais e estaduais durante os períodos pesquisados. Em nível nacional, levando em consideração a ordem cronológica dos fatos, durante o processo de industrialização no século XVIII, houve uma certa emergência em alfabetizar os trabalhadores para que eles tivessem condições de operar os maquinários do processo em questão.

Existem diversas formas de educação, não sendo a educação escolar a principal delas. Kuenzer explicita:

[...] para os que vivem das diferentes formas de trabalho, onde a precarização econômica dificulta o acesso à produção cultural dominante, a escola passa a ser espaço fundamental para a aquisição dos conhecimentos que permitam o desenvolvimento das competências requeridas na vida social e produtiva. (KUENZER, 2002, p. 02).

Assim a escola se configura como um dos principais espaços de aprendizagem e deveria estar ao alcance de todos. No entanto, no Brasil e como consequência em Corbélia, a educação foi ofertada preferencialmente à classe privilegiada.

De acordo com Barros:

A história local é uma realidade no quadro geral de modalidades historiográficas contemporâneas, notadamente no Brasil - país com vasta extensão territorial e, conseqüentemente, dotado de uma enorme multiplicidade de espaços internos, concretos e imaginários. (BARROS, 2009, p. 01).

Estudar a história local, é uma forma de conhecer o espaço escolhido, não só em aspectos geográficos ou naturais, mas sim, conhecer os fatos e momentos que marcaram o espaço e o tempo, escrevendo assim a história do objeto de pesquisa. Sendo assim, Barros destaca: “Quando se diz que “Toda História é Local”, pretende-se lembrar a todos que, assim como toda história é pronunciada de um certo momento no tempo, qualquer história é produzida a partir de um lugar.”. (BARROS, 2003, p. 03)

Para preservar a história local necessita-se primeiramente preservar as fontes históricas, que têm tido relevância e importância por parte dos pesquisadores apenas recentemente. “Pesquisar em arquivos públicos é uma atividade dura e desafiadora, ao exigir muita paciência do pesquisador.” (SILVA, 2012, p. 1). É necessário paciência e persistência pois geralmente pesquisa-se em papéis desorganizados e para chegar ao resultado esperado são impostos diversos obstáculos, como arquivos descentralizados, documentos em péssimo estado de conservação, dificuldade de acesso à informação.

As fontes de pesquisa da história das instituições escolares devem ser vistas como uma ponte entre passado, presente e futuro, pois ao serem produzidas deixam suas marcas naquele momento histórico, ao serem indagadas no futuro, fazem parte do passado e o futuro é construído através das análises de quem as resgata.

Segundo Lombardi:

Às vezes existe o problema das fontes serem lacunares, parciais, escassas, raras ou dispersas. Assim, é preciso usar as informações iniciais, para que essas nos levem a novos dados, lendo “nas linhas e entrelinhas” e atentos aos indícios que levam a novas perguntas e a novas fontes – formando, dessa forma, uma rede de informações. Importa não recorrer a uma única fonte, mas sim confrontar várias fontes que dialoguem com o problema de investigação e possibilitem (ou não) que se dê conta de explicar e analisar o objeto investigado. (LOMBARDI, 2003, p. 12).

A pesquisa relacionada à história da educação se justifica na busca de novos conhecimentos, compreensão da realidade em questão e para ter uma visão completa do objeto é necessário ir do abstrato ao concreto através da mediação do empírico. Ou seja, “[...] através do efetivo movimento da teoria para a prática e desta para a teoria [...] buscando sua concretude.” (KUENZER, 1998, p. 64).

Tal movimento, busca através do empírico reconstruir e reformular uma teoria já posta, na sua relação com o objeto de investigação, trazendo à tona o conhecimento verdadeiro. Diante disso, deve considerar-se durante o processo de investigação da realidade a sua totalidade, as categorias de contradição e mediação. A contradição desvelará no movimento as contradições, continuando assim, o movimento histórico. Já a mediação, está

ligada ao Materialismo Histórico-Dialético, onde considera-se que o todo não é simplesmente uma junção das partes, mas sim a sua relação com as partes.

De acordo com Kuenzer (1998, p. 65) “[...] no contexto do real nada é isolado; isolar os fatos significa privá-los do sentido e inviabilizar sua explicação, esvaziando-os de seu conteúdo.” (KUENZER, 1998, p. 65).

## **HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CORBÉLIA – BREVES CONSIDERAÇÕES**

Na medida em que a região oeste foi desbravada e povoada, os enormes territórios das primeiras cidades, foram sendo desmembrados dando origem a novos municípios. Onde atualmente situa-se Corbélia, o território primeiramente pertencia a Foz do Iguaçu, sendo parte do distrito administrativo de Cascavel.

Em 14 de novembro de 1951, diante da Lei nº 790, Cascavel torna-se município emancipado, posteriormente em 1957 Corbélia torna-se distrito de Cascavel, sendo elevada à categoria de município independente em 1961.

Corbélia, município localizado na região Oeste do Estado do Paraná, encontra-se a 508 km da capital do estado, Curitiba, com uma população estimada pelo IBGE de 17.071 habitantes e um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) considerado alto de 0,728 em 2010, sendo 62º no ranking estadual, enquanto o IDH do Estado do Paraná é o 5º do país, sendo 0,749 (IBGE, 2010).

Conta com uma área de 529,384 km<sup>2</sup>. Recebeu status de município pela lei estadual nº 4382 de 10 de junho de 1961, tendo o território desmembrado do município de Cascavel.

Os primeiros habitantes da região foram os índios Kaingangues, Avá Guaranis entre outras tribos, estes produziam vasos de barro e instrumentos de caça, visto que foram encontrados diversos fósseis e instrumentos às margens do Rio Piquiri. Já nos anos de 1800, as terras eram ocupadas por paraguaios e argentinos para exploração da erva mate.

No final da década de 1930, início dos anos de 1940, muitas levas de colonos, conhecidos como frente sulista, se espalharam pela região em busca de terras férteis, riquezas naturais, encontraram o que buscavam no oeste paranaense. Juntaram-se aos sulistas, os caboclos.

Ferreira assevera que:

No início a tomada da terra foi tranquila, em função de serem devolutas, configurando-se o estado de “posse”. Preocuparam-se os colonos dos núcleos Colônia Nova, São Pedro, Esperança e São João em explorar a imensa mata de araucária que existia no território do atual município. (FERREIRA, 1996, p. 248).

A lista de pioneiros é extensa, porém, umas das primeiras famílias a chegar, em 1947, foi a de Pedro e Valdomira Druczkoski, vindos de Mallet, no Paraná. Pedro era serrador de madeiras em uma das serrarias da região. Ferretti destaca que: “[...], escolheu Corbélia para morar, devido à facilidade de se comprar terras e pagava-se em prestações enquanto em outros lugares, tinha que se pagar à vista.” (FERRETI, 1994, p. 17)

Em 1949, vindo do estado de Santa Catarina, chegou a Corbélia o senhor José Skottki, estabelecendo-se às margens do Rio Melissa. A família Casagrande chegou em 1951 e iniciou o cultivo de café. A chegada de Isidoro Primo Frare, data de 1953 quando iniciou a abertura da localidade inicialmente denominada Rio Tigre, onde hoje se localiza o município de Braganey.

Nessa conjuntura o fluxo migratório intensificou-se para a região trazendo uma imensa bagagem cultural e atraídos pela qualidade das terras e baixo custo. De acordo com Ferreti:

No ano de 1948, Aldino Formigheri chega a Corbélia para comprar terras, sendo contratado pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração prestando serviços como guarda da gleba. Ele conta que quando Moysés Lupion esteve em Corbélia pela primeira vez, foi recebido por várias pessoas que reivindicaram um pedaço de terra. Os pioneiros cadastrados eram respeitados como proprietários. Ninguém comprava ou se apossava de um lote, sem a autorização da Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, que tinha os guardas da gleba percorrendo a área, impedindo a invasão de novos posseiros. Os que não podiam comprar lotes eram expulsos da área e muitas vezes mediante violência física, caso resistissem. As sequelas disso se prolongaram por muito tempo. Grande parte dos migrantes vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina utilizaram a rota feita pela cidade de Pato Branco. Nesta conjuntura, intensificou-se o fluxo migratório causando preocupação ao Governo do estado que acionou a F.P.C.I. Esta, por sua vez, realizou vistorias nas terras ocupadas a fim de legalizá-las, à frente deste trabalho esteve Joaquim F. do Amaral Filho. A intervenção do Estado, legalizando os títulos e amparando os colonos, possibilitou que estes, munidos dos documentos de posse, se efetivassem como proprietários legais das terras que ocuparam. (FERRETI, 1994, p. 23).

No ano de 1951, a FPCI-Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, contratou o Senhor Armando Zanatto, que era colonizador no estado do Rio Grande do Sul, para realizar a venda de terras e devidos acertos com os posseiros que habitavam a localidade próxima a Cascavel, o local de terras fecundas passou a ser conhecido como Colônia Corbélia:

[...] Armando Zanato foi apresentado ao representante da FPCI, que se identificou como Frederico Augusto Picoli, de Nonoai – RS. Este lhe mostrou mapas de glebas, lotes, listas de preços e tudo mais que tratava do assunto de venda de terras. O representante da empresa estatal já nomeou Armando Zanato como sub corretor com a relação de lotes que poderiam ser vendidos e a lista de preços. (ZANATO, 2014, p. 48).



Ao lado de Aldino Formigheri, que era funcionário da colonizadora desde 1948, deu início a colonização, trazendo as famílias de João Fridolino Dillemburg, Homero Bau e Francisco Manica, que deram início as derrubadas de árvores e construção de estradas.

Armando Zanatto, colonizador de maior expressividade, fez diversas viagens entre o Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em busca de compradores para as terras. Formou-se então um povoado às margens da estrada que liga a cidade de Cascavel conhecido como Colônia Corbélia. Outros pioneiros de grande importância à idealização e colonização desse município foram Homero Baú, João Fridolino Dillemburg e Francisco Manica:

A área onde se localiza a sede de Corbélia pertencia ao senhor Elvino Nascimento de Souza e foi adquirida pelo senhor Armando Zanato, conforme consta em documento manuscrito datado de 29 de julho de 1953, época em que o senhor Elvino vendeu o lote nº 83 da gleba 02 da fundação já referida, pela quantia de vinte e cinco mil cruzeiros. Conforme registro original, este pioneiro pagou dez mil cruzeiros quarenta dias após “fechar o negócio” e o restante, mais quinze mil cruzeiros, com prazo de cento e vinte dias. (MORTIZ, 2005, p. 20).

Diante da iniciativa dos pioneiros que estabeleceram suas moradias às margens dos rios Rancho Mundo, Arroio dos Porcos e Sapucaia, o fluxo migratório intensificou-se. O desenvolvimento econômico do povoado só foi possível diante da força e perseverança dos primeiros moradores. Depois da intervenção do Estado e legalização das terras os lavradores ficaram amparados e com a terra documentada.

De acordo com Peroza:

O processo de colonização de Corbélia, em área pertencente a Cascavel, começou ainda em 1951, ano em que Cascavel se desmembrava de Foz do Iguaçu. A nova frente foi empreendida pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, que havia contratado Armando Zanato para promover a venda de terras e procurar entendimento com os posseiros da região. Como sertanista nato, o senhor Armando Zanato entreviu a possibilidade de criação de um núcleo habitacional, e iniciou suas atividades no sentido de colonizar uma área de terras de ótima qualidade que passou a ser conhecida por Colônia Corbélia. (PEROZA, 2005, p. 21).

Paralelamente a colonização oficial, promovida pelo estado através da F.C.P.I., a ocupação das terras onde se localiza Corbélia, chamou atenção de colonizadores particulares, como é o caso da COBRIMCO, que adquiriam terras da F.C.P.I. e dividia em lotes menores, vendendo as pessoas que chegavam na região, dando origem ao povoado de Anahy.

O local era rico em madeira de lei, por muito tempo foi explorado pelos paraguaios que retiravam clandestinamente erva-mate e madeira, que seguiam em balsas através do Rio

Paraná. Na década de 1950, boa parte da madeira retirada daqui, foi enviada a Brasília, sendo utilizada na construção da capital federal. Na foto abaixo, é possível verificar o início do desmatamento para a formação do povoado.

**Imagem 1** - Início do desmatamento do povoado - 1948



**Fonte:** Corbélia através de imagens. Disponível em: [corbelia.blogspot](http://corbelia.blogspot). Acesso em: 14 de out. de 2020 .

O nome Corbélia vem do francês *Corbeille* e significa pequeno cesto de flores, nome sugerido por Iracema Zanato, que era artesã e se dedicava ao cultivo de flores. Em um vídeo encontrado no You Tube, um dos filhos do casal Armando e Iracema Zanato, Elmar Jupeter, relata que na época Iracema foi incumbida da função de encontrar um nome para a nova cidade. Diante das muitas sugestões, inclusive coletadas em um programa de rádio, Iracema inspirou-se nos vastos campos de flores silvestres da região e indicou Corbélia:

O senhor Armando Zanato, numa de suas viagens a Carazinho – Rio Grande do Sul, resolveu instituir um concurso para escolher o nome da futura cidade através de uma emissora de rádio daquela localidade. Sua esposa, a senhora Iracema Zanato, que era florista, sugeriu Corbélia, que vem do francês “corbeille” que significa pequeno cesto de flores. (MORITZ, 2005, p. 24).

No dia 09 de outubro de 1957, a Lei nº 3.356 criou o Distrito Administrativo de Corbélia, pertencendo ao município de Cascavel. Em 10 de junho de 1961, pela Lei Estadual nº 4.382, Corbélia tornava-se município emancipado, o desmembramento do território cascavelense ocorreu e a instalação oficial deu-se em 08 de dezembro de 1961. Tendo como primeiro prefeito o senhor Júlio Tozzo.

## ESCOLA SÃO JOSÉ – A PRIMEIRA ESCOLA DE CORBÉLIA

Diante da necessidade de educar os seus descendentes, ocorreram diversas discussões entre o pároco Bernardo Lube e o senhor Armando Zanato, João Fridolino Dillemburg entre outros pioneiros, com a intenção de planejar a construção da primeira escola. Por orientação do Padre, dialogam com a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, de Rodeio – Santa Catarina, no intuito de que elas assumissem a coordenação da casa escolar.

Com a chegada das Irmãs Franciscanas, primeiramente foram acolhidas na residência do senhor Armando Zanato e na sequência foi construída a casa das Irmãs em um terreno reservado para este fim pelo fundador. Segue imagem que ilustra este momento:

**Imagem 2** - Casa da Irmãs e Salão Paroquial 1959



**Fonte:** corbelia.blogspot.com, Acesso em:14 out. 2020

Em registros pertencentes a Associação das Irmãs Catequistas da Diocese de Joinville, em Corbélia, consta os relatos referentes a chegada e início das atividades na pequena vila que se tornou Corbélia:

Nos dias 10-11 e 12 de fevereiro matriculamos os alunos para a entrada na escola, onde por espanto, o número chegou a 117. Onde abrigar tanta gente? A pequena capela que servia de escola só podia abrigar uns 40 alunos, e os outros? Apelamos, então, que quanto antes terminassem com a Escola provisória. (LIVRO DE CRÔNICAS DAS IRMÃS CATEQUISTAS DE RODEIO – SC, 1956, p. 3).

Em fevereiro de 1956, as matrículas totalizaram 146 alunos, apenas duas Irmãs, não eram suficientes para o atendimento do número elevado de alunos, diante de diversos apelos, foram nomeadas pelo Estado as senhoritas Elba Lúcia Zanato e Delza Maria Pereira, e pela prefeitura a senhorita Dirce Pereira.

Sobre a escolha das professoras, Moritz descreve:

Outro aspecto interessante a ser abordado é a forma de escolha do professor. Como não era exigido concurso ou outra forma oficial de ingresso no quadro do magistério, a escolha se dava por alguns membros da comunidade, incluindo sempre o pároco e as irmãs. O “escolhido” deveria obedecer a alguns critérios como: ser “moça” no sentido da palavra para a época, pois o sexo feminino era um critério importante e, segundo depoimentos ouvidos, parece que a tarefa “educar” estava intimamente ligada com uma figura destinada por “Deus” para essa missão; outro critério era a procedência, as quais deveriam pertencer às famílias conhecidas e por que não “prestigiadas”; frequentar a igreja “(Católica preferencialmente); enfim, ter uma conduta “adequada” pelos membros da comunidade. Devido à falta de profissionais da época, a escolaridade era critério secundário, tanto que dentre as três professoras “escolhidas”, apenas a senhorita Elba Lúcia Zanato era normalista. Mas, como inicialmente o que se propunham a ensinar era ler, escrever e calcular, bastava que as professoras tivessem esse domínio. (MORITZ, 2005, p. 41).

Aos 12 dias do mês de fevereiro, em uma reunião realizada na sede das Escolas Reunidas São José, realizou-se a eleição da primeira Diretora, tomando posse do cargo a Irmã Ignez Ochner. Em março do mesmo ano, formou-se a primeira diretoria, tendo como Presidente o Sr. Antônio Fontana, Vice-Presidente: Nilson Ribeiro e Conselheiros os Senhores Nelson Lengler, George Hammerer e Américo Sbissigo.

No dia 07 de setembro de 1956, os alunos recitaram poesias, discursos e cânticos. Na ocasião foi realizada a recepção ao Deputado Lustosa, que prometeu às irmãs uma verba de cr\$200.000 para a construção da escola. Com a chegada de muitas famílias, vindas de diversos locais do país, em 1957 primeiramente foram registradas 121 matrículas, logo depois o número chegou a 149. Em junho foi eleita a segunda Diretoria da escola, passando a ocupar o cargo de Presidente o Sr. Ervino Berté e Vice o Sr. Fridolino Dillemburg.

No Livro de Crônicas, as Irmãs relatam as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos a frente da escola, essas provenientes de promessas não cumpridas tanto por parte dos fundadores do local, como por parte das autoridades entre elas o Governador do Estado do Paraná Moisés Lupyon, a Inspectora de Ensino de Cascavel Elma Sanways e Prefeito de Cascavel Herberto Edwino Shwarz.

Os alunos participaram com apresentações na Inauguração da Escola Nossa Senhora da Penha, onde hoje se localiza o Distrito de Nossa Senhora da Penha, conforme segue:

**Imagem 4 - Primeira escola**

**Primeira Escola da Penha  
1958**



Fonte: corbelia.blogspot, . Acesso em:14 out. 2020.

Para o ano letivo de 1958, foram registradas 130 matrículas e continuaram as mesmas professoras: Irmã Eugenia Odorizzi e a senhorita Elba Lidia Zanato e a senhora Delza Maria Pereira Barella, na direção permaneceu a Irmã Ignez Ochner.

Quando o convite foi feito para as Irmãs, houve a promessa de construção da escola, que até então funcionava de maneira improvisada. Diante das dificuldades encontradas, a população se mobilizou em uma arrecadação de materiais para que a promessa fosse concretizada, conforme relata Moritz:

Em 1959, iniciou-se uma campanha para a construção de uma nova escola. Foram os próprios colonizadores que efetuaram as doações para a construção da mesma. O terreno foi doado pela F.P.C.I., sendo um quarteirão e mais dez alqueires para plantio. Alguns doadores colaboraram com quinhentos cruzeiros em dinheiro. A madeira, as telhas, as janelas, portas e vidros também foram doados por pioneiros. (MORITZ, 2005, p. 43).

Inicialmente com as doações, foram construídas quatro salas de aula, sendo inauguradas em 19 de março de 1962, com a denominação de ``Escolas Reunidas São José.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, considera-se de suma importância pesquisar a história das instituições escolares, no país, no estado e principalmente em nível regional. Ao historicizar tais instituições, reconstruímos a trajetória de um povo e caracterizamos as influências políticas e sociais que os levaram a seguir tais caminhos.

É visível o papel desempenhado pela Igreja na comunidade em questão, pois a escola foi idealizada e fundada por ela, os costumes e ideais a serem seguidos até mesmo na escolha de quem iria lecionar na falta de religiosas para atender a demanda.

O mais importante a ser destacado, é o papel do historiador em sistematizar dados dispersos em inúmeros documentos e “juntá-los” para que a gênese de uma instituição escolar, que data da instalação da Colônia Corbélia, permanece funcionando até a presente data, 59 anos depois da emancipação política e 66 anos desde o atendimento da primeira turma em uma pequena capela.

## REFERÊNCIAS

- AMOP. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. Departamento de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal: Educação infantil e ensino fundamental - anos iniciais.** Cascavel: AMOP, 2014.
- ANDRADE, Rodrigo Pinto de. **História e Historiografia da Escola Luterana Concórdia de Marechal Cândido Rondon (1955-1969).** 2011. 265 f.(2 vol.). 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- ANDRADE, Rodrigo Pinto; DE TOLEDO, César de Alencar Arnaut. História da educação, instituições escolares, fontes e pesquisa em arquivos na região oeste do Paraná. **Revista Linhas**, v. 15, n. 28, p. 175-199, 2014.
- CORBÉLIA. **Irmãs Catequistas.** Diário de Crônicas, 1956.
- CORBÉLIA. **Plano Municipal de Educação.** Corbélia, 2015.
- CORBÉLIA. **Conhecendo Corbélia – Geografia e História.** Corbélia, 2016.
- BARROS, J. D’A. **O Campo da História.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios.** Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- FERRETI, S. **Ocupação e Colonização do Município de Corbélia.** : , 1994.
- HOBBSAWN, E. J. **Sobre história.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KUENZER, A. Z. **Conhecimento e competências no trabalho e na escola**. : ANPED, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. *In*: FRIGOTTO, G. (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998. p.55-75.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação no Brasil. *In*: III COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, , 2003, Vitória da Conquista. **Anais** [...]. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2003.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (orgs.) **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (I-Feuerbach), Ed. Hucitec, São Paulo, SP, v. 1, p. 79, 1993.

MORITZ, L. L. P. **História da Educação no Município de Corbélia – Décadas 1950/1960**. Cascavel: Unioeste, 2005.

NAGEL, L. H. O Estado brasileiro e as políticas educacionais a partir dos anos oitenta. *In*: N.; GUIMARÃES, F. M. (org.). **Estado e políticas sociais no Brasil**. Cascavel: Edunioeste, p. 99-122, 2001.

PEROZA, D. **Corbélia e sua história**. 1. ed. Corbélia: BPM, 2005.

SAVIANI, D. **A história das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. rev. ampl. Campinas: Editores Associados, 2008.

SAVIANI, D. Instituições de memória e organização de acervos para a história das instituições escolares. *In*: SILVA, João Carlos da; ORSO, José Paulino; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (org.). **História da educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013. p.13-31.

SILVA, João Carlos da et al. História e memória: arquivos e instituições escolares na região oeste do Paraná. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 12, n. 45e, p. 64-75, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640108/7667> Acesso em: 16 jun. 2022.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. **Ideação**, v. 8, n. 9, p. 09-21, 2006. Disponível em: [http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/EDUCACAO\\_E\\_FORMACAO\\_HUMANA.pdf](http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/EDUCACAO_E_FORMACAO_HUMANA.pdf) Acesso em 16 jun. 2022.

ZANATO, E. **A saga de Iracema e Armando Zanato**. Cascavel: Edição do autor, 2014.